

A Possibilidade do Ensino de Filosofia Para Criança: Uma Abordagem a Partir do Pensamento de Matthew Lipman

The possibility of the Philosophy Teaching for Children: an Approach Based on the Thought of Matthew Lipman

José Aparecido Pereira**, Joaquim de Medeiros Neto^b

Resumo

O objetivo principal desse trabalho é realizar uma abordagem em que seja explicitado o Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Tal programa foi criado nas décadas de 60 e 70 tendo como objetivos principais a busca e o cultivo do raciocínio filosófico, o desenvolvimento da capacidade de pensar e de julgar. Ele busca o desenvolvimento da capacidade de julgamento e a cultura da reflexão, mediante a discussão em sala de aula. Para tanto, vale-se do diálogo investigativo em uma comunidade investigativa (sala de aula), com uma metodologia específica e com material de apoio para os alunos e professores.

Palavras-chave: Filosofia. Crianças. Investigação. Educação.

Abstract

To present an approach to display the Philosophy Program for Children by Matthew Lipman is the main objective of this paper. Such program was created in the 60's and 70's and its main goals were the search and cultivation of philosophic reasoning, the development of the ability to think and judge. It searches the development of the ability to judge as well as the culture of reflection through discussions in class. For such, it uses investigative dialogue in a community of inquiry (classroom), with a specific methodology and supporting material for both students and teachers.

Keywords: Philosophy. Children. Inquiry. Education.

^a Doutorando em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP). Docente da Pontifícia Universidade Católica (PUCPR), Campus Maringá e Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (FECEA). E-mail: pzez@bol.com.br.

^b Mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade Teológica Teresianum (PFTT), Itália. Docente da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). E-mail: joaquim.neto@unopar.br.

1 Introdução

A Filosofia pode ser definida como a forma de conhecimento que busca explicar o real, os fatos, os acontecimentos e tudo que nos cerca de modo racional, lógico e sistemático. Neste sentido, filosofar consiste no questionamento sobre os fundamentos da realidade, sobre os processos históricos, ações e contradições do ser humano. É dentro desse exercício que se coloca o objeto dessa pesquisa.

O principal objetivo desse estudo é fazer uma abordagem sobre o Programa de Filosofia para Crianças, criado por Matthew Lipman, enfatizando a idéia de que a Filosofia e seu ensino não podem ser atividades destinadas somente para jovens e adultos, mas que deve, também, fazer parte do universo infantil. Pretende-se mostrar, por meio do programa de Lipman, que as crianças também podem filosofar.

Essa pesquisa se justifica e se fundamenta em torno da idéia de que o ensino de Filosofia para crianças deve contribuir para a formação de uma consciência crítica; abrir o entendimento para formas atuais de dominação e opressão que estão presentes nas relações sociais, manifestadas

por ideologias e convenções. Deve ainda, possibilitar a aprendizagem realizando crítica constante à cultura dominante e às manifestações que levam ao pragmatismo reducionista da vida.

Na pesquisa teórica, a metodologia adotada deve constituir um instrumento que facilite a compreensão do assunto discutido, viabilizando condições para elaboração, estruturação e sistematização das idéias contidas no estudo. Neste trabalho, pelo fato da pesquisa ter gravitado predominantemente no âmbito teórico, condicionou-se a condução da metodologia na linha da leitura analítica, reflexão e pesquisa sistemática.

2 Peirce e Dewey como as Principais Influências sobre Lipman

Na elaboração do pensamento filosófico de Lipman (1990, 1995, 1977a, 1997b) é possível constatar diversas influências. O principal objetivo deste tópico é apresentar as principais delas, oriundas das filosofias de Charles S. Peirce e John Dewey.

Em relação à influência de Dewey sobre Lipman, Wonsovicz (2005, p. 36) afirma:

Lipman insiste que a filosofia se reveste de um caráter de participação ativa, não se ensina filosofia, não se decora filosofia, aprende-se a filosofar, filosofando sobre a vida, sobre o mundo. Aqui está bem presente uma marca de John Dewey em Lipman.

Quanto à influência de Peirce no pensamento de Matthew Lipman, Wonsovicz (2005, p. 36-37) também afirma:

O termo comunidade de investigação foi usado por Charles Sanders Peirce junto a outros profissionais da investigação científica, mostrando que os cientistas formavam uma comunidade por terem algo em comum, estavam todos dedicados à utilização de procedimentos idênticos no desenvolvimento de objetivos comuns. [...] Assim, entendemos a colocação ‘converter a sala de aula em uma comunidade de investigação’, como o espaço onde se dão as investigações [...].

Em particular, Lipman fundamenta sua teoria usando como base os conceitos de comunidade e de investigação presentes na filosofia de Charles S. Peirce¹, destacando sua importância no processo de produção do conhecimento. Para Peirce, a dúvida é o elemento inicial de uma investigação científica, que envolve a comunidade num processo de busca de respostas (crenças). Porém, é necessário que o processo de conhecimento seja uma infinita busca por argumentações e contra-argumentações, uma investigação sempre aberta a novas verdades e possibilidades. Desta forma, as respostas a serem produzidas (crenças), quando consolidadas depois de alguns confrontos, tornarem-se-iam mais firmes, mais consistentes.

Porém, como é no âmbito da própria comunidade que essas crenças se solidificam, nela encontrando seu solo e suas possibilidades de interpretação, a comunidade desempenha papel crucial no processo do conhecimento, fixando antecipadamente as metas e os limites de cada investigação.

Para Lipman, a comunidade é o lugar do diálogo filosófico, o caminho autêntico de se fazer filosofia. Uma pessoa se constitui pelas normas e valores que adquire no convívio social. É de suma importância cultivar atitudes democráticas e filosóficas na sala de aula, para que se possam formar alunos com ideais democráticos e atitudes filosóficas. Sendo imprescindível o estabelecimento da comunidade de investigação, pois ao estimular o “diálogo filosófico”, ela forneceria elementos para desenvolvimento de modelo ideal de sociedade e de indivíduos. Portanto, toda a proposta de

Lipman é definida pela busca de um ideal de homem a ser alcançado por meio da educação filosófica das crianças.

No que diz respeito a Dewey², sua influência sobre Lipman se faz especialmente visível em sua definição de educação. Para Dewey a educação é a forma de aprimorar a experiência do estudante, reorganizando-a, enriquecendo-a, por meio das ferramentas que a educação propicia ao estudante para o aprimoramento de suas experiências futuras. Sendo preciso que a educação escolar forneça instrumentos que propiciem ao aluno o estabelecimento de contínuas conexões entre a experiência do passado, do presente e do futuro, entre a experiência social e individual.

Para Dewey a escola é o espaço de construção do pensamento do aluno. Esse autor critica a concepção de ensino-aprendizagem baseada apenas na transmissão dos conteúdos, que ele considera um processo passivo de aprendizado. Na obra “*Democracia e educação*”, Dewey (1959) afirma que as escolas, prestam-se mais para formar discípulos que pesquisadores. Longe de desprezar o conhecimento, ele o considera como meio para aprimorar o desenvolvimento do pensamento e julgamento do aluno, que seriam as atividades principais do processo educativo. Para esse autor a educação é um processo de troca entre os interesses dos estudantes, suas inquietações e as demandas sociais que a escola representa.

Nesses termos, estabelece-se a importância que Dewey atribui à Filosofia, como disciplina que, por excelência, cultiva o pensar e problematiza a experiência. O autor rejeita a concepção especulativa da Filosofia, que não se compromete com a experiência social, pois ela está intimamente relacionada à educação, com a qual compartilha suas finalidades, promovendo o enriquecimento da experiência, e seu questionamento.

Porém, são evidentes os limites que a Filosofia recebe na formulação de Dewey (1959) que a concebe como uma teoria geral da educação, não reservando à disciplina qualquer lugar especial na prática educativa – ao contrário do que é levado a fazer em relação às ciências, para as quais reserva um espaço mais do que central.

1 Filósofo norte-americano, de formação científica (físico-químico), criador do pragmatismo. Escreveu inúmeros trabalhos de lógica, metafísica, teoria do conhecimento e filosofia da ciência, publicados principalmente em periódicos e reunidos postumamente nos *Collected Papers* (1931-1958). Estudou na Universidade de Harvard onde foi professor por um curto período (1869-1870), tendo depois ensinado na Universidade John Hopkins (1879-1884). Sua produção teórica, muito dispersa, ocorreu, entretanto, essencialmente à margem de sua atividade acadêmica. Peirce concebe o pragmatismo como um método para estabelecer o significado dos conceitos a partir dos efeitos práticos de seu uso concreto. Desenvolveu, nessa linha, uma teoria consensual da verdade, que seria o acordo a que chegariam os cientistas após o exame de suas hipóteses. Contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da lógica matemática contemporânea e para a discussão da importância da probabilidade e do método indutivo na ciência. É também de grande importância sua teoria dos signos, que propõe distinções entre ícones, signos que guardam uma semelhança com o objeto representado; índices, que indicam o objeto representado; símbolos, que são convencionais e supõem uma regra de uso para sua aplicação. Esta teoria constitui uma das bases da semiótica contemporânea.

2 Filósofo e educador norte-americano, John Dewey foi professor de filosofia, psicologia e pedagogia nas Universidades de Chicago e Columbia (Nova Iorque). Desenvolveu o pragmatismo formulado por Peirce e William James, aplicando essa doutrina à lógica e à ética, e defendendo o instrumentalismo ou o experimentalismo em teoria da ciência. Tornou-se célebre por ter fundado a famosa escola ativa. Sua obra é vasta. Dewey faz uma severa crítica ao sistema tradicional de ensino centrado no mestre, esse monarca da classe. A preocupação central de toda construção pedagógica deve ser a experiência, porque toda a pedagogia precisa organizar-se em torno desse fenômeno atual e vivo que é o problema prático que se põe a criança, seguido do debate no qual ela se engaja para resolvê-lo. Para Dewey, a didática se resume no famoso método do problema, que se desenvolve em cinco fases: a) a criança traz um problema (um objeto, uma preocupação relacionada à sua vida); b) definição comum do problema; c) inspeção dos dados disponíveis; formação de uma hipótese de trabalho; comprovação da experiência. Assim, ao transfigurar a escola, Dewey inventou a escola ativa e os métodos ativos. Sua essência consiste em lançar mãos das motivações e dos interesses espontâneos da criança para a descoberta, pela experiência pessoal, das informações úteis a serem assimiladas.

Poder-se-ia afirmar que Lipman toma contrapelo às disposições de Dewey: não fossem, em suas obras, as fronteiras entre filosofia e ciência tão pouco nítidas. Lipman se fundamenta, ainda, na estreita relação que Dewey constrói entre educação e democracia. Para ambos, a democracia é a forma de vida mais apropriada ao enriquecimento humano, pois apenas num contexto democrático é possível ao homem problematizar e recriar os diversos aspectos de sua experiência.

Como as instituições educativas atuam na ordem social, Lipman e Dewey propõem uma educação para democracia, na medida em que uma provê as ferramentas necessárias aos estudantes para o desenvolvimento da outra, e vice-versa. A educação deve cumprir uma função democratizante na vida social dos alunos, possibilitando a compreensão dos fundamentos da ordem social, suas causas e conseqüências, pois somente o contexto democrático garante a liberdade e a possibilidade da investigação e do pensamento.

3 O Projeto Filosófico de Lipman para as Crianças

Segundo Lipman (1995), o maior desapontamento da educação tradicional é o fracasso em produzir pessoas que se aproximem do ideal de racionalidade. É importante notar que ao criticar a mera transmissão de conhecimentos, Lipman não está abrindo mão dos conteúdos, mas está colocando em questão o processo de aquisição dos mesmos, bem como o fato de que, às vezes, eles parecem ter um valor em si mesmo, provocando a falsa noção de que o simples acúmulo de conteúdo já basta.

Neste sentido Lipman (1995, p. 253-253) complementa:

Não estou afirmando que o ensino de conteúdo é inútil e que corremos o risco de transformar as crianças em sábias idiotas. Mas gostaria de colocar que a ênfase em sua aquisição de informações foi exagerada e deve passar para o segundo plano, assumindo a dianteira do aperfeiçoamento de seus pensamentos e julgamentos.

O pensador norte-americano sustenta que a capacidade investigativa, a criticidade, a autonomia e, conseqüentemente, a maneira de pensar, julgar e agir serão potencializadas e aprimoradas na medida em que se ofereça às crianças e adolescentes, uma disciplina que investigue e trabalhe com um pensamento criterioso. Lipman buscou o fundamento teórico do papel da Filosofia no processo ensino-aprendizagem e desenvolveu metodologia e currículo específicos, destinados às escolas, inaugurando nova área da Educação e Filosofia.

Neste sentido, o Programa de Filosofia para Crianças de Lipman, busca o desenvolvimento da capacidade de julgamento e a cultura da reflexão, mediante a discussão em sala de aula. A Filosofia, para Lipman, não é um fim em si mesma, mas um meio que permite o desenvolvimento de habilidades intelectuais e disposições para atingir seus objetivos. Para tanto, vale-se do diálogo investigativo, com metodologia específica e material de apoio para os alunos e professores. Este Programa foi criticado sob vários aspectos,

e um deles prende-se à sua designação: Filosofia para Crianças. Por tal designação, entende-se que algo pronto está sendo oferecido, para alunos e professores. Por outro lado, O Programa é considerado criativo que assegura formação humana integral e um enriquecimento do pensamento.

A atitude filosófica se constitui como um dos modos pelos qual o homem se propõe a responder a questionamentos cruciais em relação à sua existência com tudo que o cerca. É importante salientar que a Filosofia não se propõe a desvendar verdades definitivas e peremptórias, mas destacar a importância do itinerário crítico traçado pela mesma quando confecciona uma visão de mundo mais autônoma e crítica. É neste ponto que se encontra a pedra angular de toda a proposta da Filosofia para as Crianças.

Com relação ao aspecto educacional do Programa de Filosofia para Crianças, dá-se a aprendizagem de certo número de meios que levam à reflexão como forma de fugir das frases feitas, ou da aprendizagem mecânica sem saber seu significado. Oferece apoio para que se façam escolhas e ajudando os alunos a saírem do senso comum, das opiniões incontroladas, levando em conta que eles, desde pequenos, são capazes de aprender a pensar bem e a pensar por si mesmo.

Como afirma Souza (2001, p. 41-42):

Portanto, a filosofia para crianças é uma forma de permitir à criança poder afirmar-se e definir-se, progressivamente, com a ajuda dos outros. Defender a necessidade do ensinamento filosófico já no pré-escolar ou ensino fundamental, é uma revolução pedagógica, isto é, chama em causa o sistema de ensinamento filosófico tradicional. Por que revolução pedagógica? Porque Lipman visa atingir (sic) é encorajar e favorecer o desenvolvimento intelectual do ser humano das crianças. Ele quer ajudar as crianças a terem um pensamento de qualidade superior.

O Programa de Filosofia para Crianças, elaborado por Lipman, apresenta ferramentas principais como:

- a) O desenvolvimento de habilidades cognitivas: instrumentos ou pré-requisitos para o pensar bem e base de qualquer aprendizagem;
- b) Diálogo investigativo: promovendo, por meio de uma metodologia específica o processo de construção do conhecimento;
- c) A construção cooperativa do conhecimento: transformando a sala de aula em comunidade de investigação, por meio da postura do professor e dos alunos. Assim, ambos passam a ser autores do saber, construindo juntos um saber comum.

Ao trabalhar o desenvolvimento filosófico nas crianças, dois componentes principais devem ser levados em conta: o pensamento da criança a respeito do mundo circundante e o pensamento a respeito do próprio pensamento. Têm-se distintos modos e perspectivas de pensar, pontos de vista, pressupostos ocultos e pensamento criativo. O que se procura em sala de aula é construir:

- 1) Um espaço onde ocorra a discussão de problemas filosóficos, ao invés da leitura a respeito deles e de suas soluções; um fazer filosofia tendo presente, a princípio, os entendimentos de cada um e, posteriormente, uma

- investigação dentro do que filósofos pensaram;
- 2) Um ambiente propício em sala de aula para que, via diálogo socrático, tenha-se um desenvolvimento grupal e individual. O diálogo é uma ferramenta para atingir a meta de desenvolvimento estabelecida, a fim de ampliar o horizonte do pensamento e o raciocínio dos alunos;
 - 3) Um ambiente onde os participantes, por meio do desenvolvimento do pensamento grupal, ampliem o pensamento individual. Isto é perceptível quando, mediante o diálogo, um companheiro pode mudar seu próprio modo e método de raciocinar, ou seja, ocorre uma autocorreção; e
 - 4) Uma abertura na comunicação entre todos, que produza resultados relevantes, tais como as habilidades lógicas do discurso interiorizadas pela discussão, tendo-se critérios para selecionar as conclusões e os julgamentos, constituindo o desenvolvimento de habilidades de pensamento.

4. A Natural Propensão das Crianças à Investigação

Ao defender e propor um caminho para que as crianças filosofem, Lipman formulou uma crítica aos pressupostos teóricos da tradição filosófico-pedagógico ocidental, que contém três aspectos importantes: a) coloca-se contra o modelo de (ir) racionalidade filosófica adulta; b) questiona as concepções filosóficas instrumentalistas da infância; e c) consegue colocar sua objeção às pedagogias tradicionais. O caminho que Lipman propõe é o de reconhecer o estatuto filosófico do pensamento infantil por parte da filosofia. Portanto, ao pensar com e contra a tradição filosófica, apresenta o seu forte imperativo desse empreendimento crítico, pois não há filosofia sem negação de idéias, sem contraposições e rupturas com o estabelecido.

Tendo trabalhado longos anos com Filosofia para crianças, Lipman constata que elas são capazes de manifestar os comportamentos cognitivos que são reconhecidos como filosóficos³ pela tradição, além de terem a capacidade de mergulhar na filosofia. As crianças vivenciam e praticam essa capacidade inerente ao ser humano, que é a de filosofar. Para Lipman, Oscanyan e Sharp (1994, p.87) crianças e filósofos têm muita coisa em comum:

É um engano supor que a razão pudesse ser datada, que pudéssemos identificar o instante exato do nascimento do pensamento racional no ser humano. A criança começa a pensar filosoficamente desde quando é capaz de falar e perguntar.

Crianças e filósofos têm muito em comum. Tanto quanto a criança que está, no início de sua vida, livre dos preconceitos, os filósofos também desejam estar nessa condição, libertando-se das falsas crenças, idéias e ilusões. Os filósofos que estão sempre indignados e questionando, as crianças possuem uma curiosidade que lhes é inerente. As crianças são curiosas por excelência e têm capacidade de se “espantar” com o mundo.

A capacidade que as crianças possuem de se espantarem com o mundo nada mais é do que a matéria básica da Filosofia, que deve ser aproveitada, incentivada, fomentada. Desta maneira, um processo de inquietude diante do imediatamente dado, tendência natural para ir além, superando as análises superficiais do real que tendem a falseá-lo.

5 A Sala de Aula como Comunidade Investigativa

A formatação tradicional, muitas vezes monológica, nada tem a ver com o cenário de vanguarda proposto pelo Programa de Filosofia para Crianças. Neste contexto, as salas de aulas deixam de ser os “espaços sagrados” de transmissão de conhecimentos para se transformarem em comunidades de investigação; espaços dedicados à criatividade, à crítica, à investigação e ao fomento da iniciativa, criatividade e da curiosidade.

Quando as crianças são incentivadas a pensar filosoficamente, a sala de aula se transforma numa comunidade de investigação a qual possui um compromisso com procedimentos de investigação, com a busca responsável das técnicas que pressupõe uma abertura para a evidência e para a razão (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 1994, p. 72).

O programa de Matthew Lipman está apoiado em um trabalho dialógico-investigativo realizado por alunos, no qual o professor é o coordenador. Todos estão envolvidos na busca conjunta da construção de respostas às questões levantadas nas discussões das investigações feitas individualmente e em grupo. Nessa ação conjunta e dialógica, o dialogar investigativo significa, dentre outras coisas, conversarem de forma organizada a respeito dos assuntos que se apresentam. Este processo se dá, tanto em termos pessoais, quanto coletivo, como se depreende do livro *A Filosofia vai à escola*:

O fazer filosofia exige conversação, diálogo e comunidade, que não são compatíveis com que se requer na sala de aula tradicional. A filosofia impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros de uma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se das idéias conjuntamente, construir sobre as idéias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção do que é descobrir, inventar, interpretar e criticar (LIPMAN, 1990, p. 61)

Alunos e professores precisam e podem ter uma aprendizagem mais significativa e reflexiva. Para Lipman a Filosofia se reveste de caráter de participação ativa, não se ensina Filosofia, não se decora Filosofia, aprende-se a filosofar, filosofando sobre a vida, sobre o mundo. O ponto central e a essência do seu Programa é a comunidade de investigação, a qual se caracteriza por ser um espaço de curiosidade, aberto e dinâmico.

Afirma Lipman, Oscanyan e Sharp (1994, p. 88-100) que:

3 Fazer pressuposições, clarificar conceitos, elaborar argumentos, fazer implicações, definir, solicitar razões, dar razões, avalia-las, procurar determinar a validade das inferências, classificar, formular hipóteses.

[...] A investigação é um dos grandes meios para o desenvolvimento do pensar bem, desde que as crianças aprendam a fazê-lo, mobilizando as habilidades mais simples, nelas implicadas. “As habilidades de investigação são aquelas associadas com a execução de métodos científicos, tais como medir, observar, escrever, estimar, explicar, prever e verificar”. [...] Habilidades de investigação são competências em áreas, como descrição, explanação, formulação de problemas, formação de hipótese e medição. [...] Por investigação, eu quero dizer prática auto-corretiva. Eu não designaria uma atitude como investigação, se ela fosse simplesmente costumeira, convencional ou tradicional, isto é, simplesmente prática. Mas, se a prática autocorretiva é juntada a essa prática tradicional, o resultado será a investigação.

Comunidade de investigação é uma expressão que explicita a idéia de que os cientistas formavam uma comunidade por terem algo em comum, estavam dedicados à utilização de procedimentos idênticos no desenvolvimento de objetivos comuns. A partir de Peirce, o termo passou a incluir tanto a investigação científica, quanto a não científica. Assim, converter a sala de aula em uma comunidade de investigação é como o espaço onde se dão as investigações, as opiniões são divididas com respeito, a partir do questionamento do outro pela busca de razões e opiniões, pela ampliação a partir das idéias apresentadas, ao serem desafiadas a pensar, e a auxiliarem-se quando fizerem suas inferências, buscando identificar as suposições de cada fala.

O Programa de Filosofia para Crianças, pressupõe que a sala de aula se transforme num espaço da cultura do pensar. Os alunos, por terem algo em comum – o querer aprender – apropriam-se da cultura, dos saberes, estando nesse espaço, denominado sala de aula, formam uma comunidade em processo de aprendizagem, na qual todo conteúdo apresentado deve ser investigado.

6 Diálogo Investigativo

Uma das preocupações centrais em um trabalho filosófico é propiciar um diálogo investigativo que leve os participantes da comunidade de aprendizagem investigativa, a construir continuamente respostas e soluções para suas pesquisas. Esta idéia se baseia em aprender bem é aprender manter o mesmo espírito de descoberta que prevaleceu quando se descobriu, ou o mesmo espírito de invenção de quando se inventou. Quando isso ocorrer em sala de aula, os alunos trabalham intensamente os conteúdos das diversas disciplinas e, conseqüentemente, apropriam-se deles.

Conseguir que, pelo diálogo investigativo, os alunos aprendam a saber, buscar, a questionar, significa abrir caminho em direção ao saber que se desconhece, mas que se pretende conhecer. Investigar e dialogar são importantes na pesquisa. A preocupação de que as pessoas sejam investigativas, dialoguem, busquem seus conhecimentos é meta dos educadores e filósofos, sendo até hoje tema bastante discutido. Tal a sua importância e urgência, respostas e pesquisas já formalizadas devem, preferencialmente, ser as

dos grandes filósofos. A escolha de tais textos deve ser feita com discernimento, visando às possibilidades de entendimento dos alunos. O próprio professor deve apresentá-los, com uma organização e tradução didática que venha a ampliar o seu significado. Tanto os textos, como o posicionamento dos filósofos, não pode ser apresentado como palavra definitiva. Trata-se de material que por si carrega grande peso, contudo se devem propiciar condições para serem analisados e avaliados.

Kant (1992, p. 175) oferece um conselho importante:

Também o autor filosófico, em que nos baseamos no ensino, deve ser considerado, não como o modelo do juízo, mas apenas como o ensejo de julgarmos nós próprios sobre ele e até mesmo contra (sic) ele; e o método de refletir e concluir por conta própria é aquilo cujo domínio, o aprendiz está a rigor buscando, o qual também é o único que lhe pode ser útil, de tal sorte, que os discernimentos decididos, que por ventura se tenham obtido, ao mesmo tempo têm que ser considerados como conseqüências contingentes dele, conseqüências estas para cuja plena abundância ele só tem se plantar, em si mesmo, a raiz fecunda.

Portanto, os estudantes, em todos os níveis, que só aprendem pelos resultados de alguma investigação, não são investigadores. Podem ser considerados estudantes instruídos. Buscando propósitos em uma educação dialógica para promover crescimento do pensamento filosófico: todo aluno deve se tornar um investigador. Como alcançar isto na escola, em todas as disciplinas? Pelo diálogo investigativo e filosófico, pois a filosofia é investigação conceitual, o tipo de investigação na sua forma mais pura e essencial.

Para que, em sala de aula, surja uma comunidade de aprendizagem investigativa movida pelo diálogo, deve-se buscar ação dos alunos, com a devida coordenação do professor, na qual ambos estejam envolvidos na busca da construção de respostas às questões que são levantadas pelo grupo. Portanto, a investigação e o diálogo levam ao filosofar. Sendo o diálogo filosófico um diálogo a respeito de determinado conteúdo (tema), com o objetivo de produzir idéias claras e verdadeiras sobre o assunto em questão para os participantes.

Freire (1975) no livro *Educação como Prática de Liberdade*, faz distinção entre diálogo e polêmica. Na polêmica, há uma discussão com os outros para convencê-los. No diálogo, há uma conversa organizada e examinada com os outros, no que se refere ao pensamento que cada um tem sobre o tema e as razões pelas quais, cada um pensa daquela maneira. O diálogo filosófico investigativo considera todos os envolvidos e pressupõe a disposição de cada um para a complementação de suas posições e até modificações, caso os argumentos (razões) levem-no a isso.

Ao se adotar, em comunidade de sala de aula, uma educação dialógica, busca-se corrigir, aprimorar, ou produzir novas respostas às questões, sem se deixar perder em ceticismos inconsistentes ou em relativismos que levam a resposta vazias, devido as suas características particulares.

Fazer uma investigação dialógica e filosófica é ter um estilo e uma prática envolvidos na e com a construção de significações humanas, mesmo que constantemente tenham que ser refeitas.

Lipman (1990, p. 34) reforça:

A justificativa mais ampla apóia-se no modo pelo qual paradigmaticamente representa a educação do futuro como uma forma de vida que não foi ainda percebida e como um tipo de práxis. A reforma da educação tem de ter a investigação filosófica compartilhada na sala de aula como um modelo heurístico.

Fazer Filosofia com crianças na escola fundamental não se reduz a treinamento especulativo diletante e assistemático, mas em preparação de situações que propiciem o desenvolvimento da consciência e da verbalidade investigativa, própria da cultura formal.

Segundo Lipman (1997), quando pensamos empregamos diversas habilidades de pensamento, que todos temos. Habilidades são possibilidades de realizar algo. Pode-se empregá-las bem, ou não. Quando envolvidos, por exemplo, em diálogos investigativos, é possível que essas habilidades de pensamento tenham o desenvolvimento estimulado. O autor indica 4 grupos de habilidades. Pode-se utilizar sua indicação para conhecê-las, identificá-las e pensar maneiras de estimulá-las, utilizando a metodologia do diálogo investigativo, denominado “comunidade de investigação”. Estas habilidades são: habilidades de investigação; de raciocínio; formação de conceitos; e de tradução.

7 Os Procedimentos Metodológicos do Programa de Lipman

A metodologia do Programa de Filosofia de Lipman é aparentemente simples, mas exige persistência na aplicação (paciência pedagógica). As atividades propostas nas aulas nascem do processo descrito a seguir: a) Organiza-se o grupo (alunos e professor) em círculo, para que todos possam se ver e conversar; b) Faz-se a leitura em grupo, cada aluno lendo um pequeno trecho de um episódio ou de um capítulo da novela filosófica⁴; c) Solicita-se aos alunos que levantem questões que a leitura do texto possa ter sugerido; d) O professor registra as questões por escrito na lousa ou em grandes folhas de papel colocando o nome dos autores das questões; e) Faz-se com o grupo, uma análise das questões e procura-se agrupar as questões por temas, de acordo com as relações que determinadas questões possam ter entre si; f) Obtidos grupos de questões por temas, ou obtidos temas que congregavam algumas questões, propõe-se ao grupo a escolha de um deles ou mais temas para discussão, isto é, para

ser investigada dialogicamente; h) Inicia-se a investigação filosófica (dialógica) ou o diálogo filosófico investigativo, partindo das questões dos alunos e a elas juntando novas questões surgidas no grupo ou postas pelo professor através de Planos de Discussão e Exercícios; i) O final do processo é o momento determinado pelo tempo disponível, em que a discussão ou o diálogo se encerra;

A metodologia criada por Lorieri (1996, p.16) tem como objetivo a criação da comunidade de investigação filosófica e garante aos que participam subprodutos éticos importantes.

Aprende-se a respeitar os pontos de vista dos outros; aprende-se que o próprio ponto de vista tem o mesmo valor e peso dos outros; aprende-se a respeitar a vez dos outros e a exigir respeito pela própria vez; aprende-se a respeitar regras combinadas; aprende-se que as regras podem ser discutidas e modificadas, mas que são necessárias para a vida comum; aprende-se que todos somos iguais; aprende-se que todos somos igualmente dignos de respeito.

8 O Papel do Professor no Programa de Filosofia para Crianças de Lipman

Para concretizar sua proposta, Lipman defende uma formação que prepare o professor para Educação para o Pensar e ainda que o ensino de Filosofia requer professores que estejam dispostos a examinar idéias, a comprometer-se com a investigação dialógica e a respeitar os que estão sendo ensinados. É preciso criar métodos para a formação dos professores, considerando-se que: a) O papel do professor de filosofia para crianças não é o de responder as perguntas dos estudantes, tanto quanto sua busca de respostas; b) O professor de Filosofia para Crianças deve insistir para que os estudantes considerem as idéias que permeiam as discussões na sala de aula em torno de seus marcos referenciais ou contextos.

Um dos objetivos do Programa seria o de preparar o educador para uma postura crítica e autônoma para a construção de uma sociedade igualitária. Neste sentido, o pensar por si mesmo, objetivo crucial em todo ensino de Filosofia, é condição essencial para que professores e alunos possam vivenciar desde cedo, o que a vida lhes cobra cotidianamente: saber decidir sobre a própria vida e os direitos da comunidade onde vive.

A educação tradicional oferece os conteúdos prontos, de forma fechada e autoritária na construção do conhecimento. A mudança desta postura por parte dos educadores é condição necessária para a transformação do ensino. Os professores e alunos podem ser co-investigadores no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho pedagógico desenvolvido pelo educador na

4 Lipman escreveu as Novelas Filosóficas como um instrumental a ser utilizado em sala de aula. A primeira a ser escrita “**A Descoberta de Ari dos Telles**”, é para alunos entre 11 e 13 anos de idade, e trata de noções elementares de lógica formal e informal. “**Luisa**” é escrita tendo como eixo a indagação ética. “**Satie**” centrava-se na indagação estética e “**Marcos**” centrava-se nas questões referentes à filosofia política. Luisa, Satie e Marcos são escritas para alunos entre 13 e 18 anos de idade. Posteriormente aparecem as novelas para crianças. “**Pimpa**”, escrita para crianças de 8 a 10 anos de idade, tendo como eixo a linguagem e o raciocínio analógico. “**Issao**” e “**Guga**” é escrita para crianças de 6 a 8 anos de idade e centrada em questões da natureza. “**Rebeca**” é escrita para criança de 5 a 6 anos de idade, incentivando a formular perguntas, fazer comparações e dar boas razões. É importante ressaltar que Lipman escreveu primeiramente novelas para pré-adolescentes e adolescentes e só depois novelas para crianças. A preocupação de Lipman em todas as novelas filosóficas que escreveu é a mesma: propiciar uma verdadeira educação para o pensar, em que o aluno é estimulado a pensar por si mesmo.

comunidade de investigação filosófica e científica, requer de quem educa respeitar o pensamento do educando sobre os conteúdos estudados, possibilitando a pesquisa e a discussão. O Programa de Filosofia para Crianças requer um professor aberto às discussões intelectuais, sem medo de explorar e experimentar as questões levantadas nas aulas. Sendo necessário um paradigma de ensino que favoreça o diálogo investigativo em sala de aula.

Ensinar a criança filosofar é um desafio, pois a própria prática do dia-dia, requer do professor estudo, mudança de postura e paciência pedagógica. Na aula de Filosofia o professor se prepara para ela, mas não tem a aula “totalmente preparada”, pois o que acontece no decorrer dela, muitas vezes vai além da preparação do professor, requerendo dele flexibilidade para vivenciar essa situação de forma positiva e pedagógica.

De acordo Lipman (1995, p. 46), educar para pensar significa:

Pensar melhor em sala de aula, basicamente, pensar melhor através da linguagem e isto implicava na necessidade de ensinar o raciocínio, tradicionalmente uma sub-disciplina da filosofia. O raciocínio é aquele aspecto do pensamento que pode ser formulado discursivamente, submetido a critérios de avaliação (pode haver raciocínio válido e não válido) e ensinado.

Os educadores de modo geral foram ensinados a ter controle total da disciplina, decisões e do comportamento dos alunos em sala de aula. Para Lipman (1995) a construção de uma sociedade democrática, só será possível, quando os sujeitos envolvidos na escola tiverem espaço para a reflexão das questões que afetam o coletivo, levando-se em conta que a educação escolar tem papel insubstituível na construção da cidadania. Desde o início do milênio, educadores perceberam a importância de que alunos aprendam a pensar por si. A Filosofia proporciona àqueles que se dedicam a fazê-la, independentemente da idade.

É necessário que o professor seja preparado adequadamente para dar aula. A linguagem deve ser próxima àquela que será usada com os alunos. Os conteúdos das disciplinas para a linguagem de sala de aula e então, usando essa linguagem, educarem os candidatos a professor, usando métodos pedagógicos que esses professores irão mais tarde empregar com seus alunos. Os educadores devem ser preparados para ter o domínio do conteúdo de suas disciplinas, como também de métodos de ensino adequados ao trabalho pedagógico na sala de aula. Há um desafio para a prática do professor que é encontrar um equilíbrio entre os métodos de ensino e o conteúdo educacional. Em outras palavras, é necessário um educador que tenha domínio do conteúdo de sua matéria e ao mesmo tempo consiga ensinar esse conteúdo para o educando. No caso de uma educação para o pensar, o que seria necessário para a formação do professor?

Lipman argumenta que a saída seria encontrar um paradigma de ensino para o pensar que sirva para todas as

disciplinas e em particular para a filosofia que, segundo ele, tem o conteúdo centrado no ensinar a pensar. Com relação à formação específica dos professores para trabalhar com o Programa de Filosofia para Crianças, Lipman propõe num primeiro momento a formação de monitores.

No tocante aos monitores, Evangelista (2003, p. 120) afirma:

Os monitores serão os formadores daqueles que irão dar as aulas para os alunos. Preferivelmente, os monitores devem ser filósofos que passaram por uma formação básica e específica junto ao programa como um todo.

Essa formação básica no Brasil é supervisionada pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças e por alguns Centros Regionais espalhados pelo país. A formação básica dos monitores tem dois momentos específicos: 1. Frequência de oficinas onde conhecem o currículo e vivenciam como conduzir as aulas de filosofia com crianças; 2. Fazer estágio numa sala de aula para adquirir experiência com a metodologia do programa. Já a formação básica dos professores que aplicam o programa se dá em três estágios: a) Exploração do currículo de acordo com a série a ser trabalhada; b) Estágio moderador: referente aos procedimentos que o professor deverá usar nas aulas; c) Estágio de observação: os Centros Regionais depois de formarem os professores dão assessoria às escolas e aos professores, para observarem e avaliarem a prática do professor em sala de aula.

Enfim, o que se observa é que o sucesso da filosofia no ensino básico e médio se deve à mudança de postura do professor durante as aulas, pois eles abandonaram as posturas muitas vezes autoritárias, para tornarem-se co-investigadores ao lado de seus alunos. Redescobrem a ventura do investigar e do aprender.

9 Considerações Finais

O Programa de Filosofia para Crianças de Lipman se apresenta como um projeto criativo para assegurar uma formação humana mais integral e enriquecimento do pensamento. Um dos méritos à elaboração da proposta de Lipman é o de colocar no campo da reflexão filosófica uma fase da existência humana que historicamente pouco a frequentou ou quase sempre esteve ausente na atividade filosófica: a infância.

É preciso reconhecer que, ao menos pelas reações que suscitou, a proposta de Lipman reavivou o debate sobre a qualidade crítica do ensino de Filosofia correntemente ministrado nas salas de aulas. Esses e outros aspectos são extremamente positivos para a educação e para a Filosofia. Talvez isso explique o caráter expansionista e a disseminação mundial que vem ocorrendo com esse programa, haja vista que vários continentes estão adotando essa proposta pedagógica.

Por outro lado, é preciso discernimento e consciência crítica diante de tal proposta e da expansão do Programa de Filosofia para Crianças de Lipman, considerando ser uma tarefa urgente e necessária analisar os pressupostos ideológicos

que a embasam, tendo em vista as prováveis conseqüências que sua adoção poderá acarretar ao campo da educação e da filosofia, sobretudo em nosso país. Tal proposta é igualmente merecedora de análises críticas no que diz respeito a muitos outros aspectos que lhe são próprios. Sejam de natureza prática, tal como a sistemática preconizada pelo autor e sua equipe para a adoção e comercialização do programa, ou de ordem teórico-conceitual, como é notadamente o caso, da visão do papel do professor, da concepção de democracia e cidadania e do tipo antropológico de aluno e de infância que estão nas bases do projeto. Enfim, o que se espera é que esse artigo possa ser útil àqueles que têm interesse ou exercem atividades dentro da temática que trabalhada nessa pesquisa.

Referências

- DEWEY, J. *Democracia e educação*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1959.
- EVANGELISTA, F. (Org.) *Educação para o pensar*. Campinas: Alínea, 2003.
- FREIRE, P. *Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- KANT, I. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- LIPMAN, M. *A Filosofia em sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1997a.
- _____. *Natasha: diálogos Vygotskianos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.
- _____. *A Filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.
- _____. *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LIPMAN, M.; OSCANYAN, F.; SHARP, A. M. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- LORIERI, M. A. *A Educação para o pensar e a comunidade de investigação: reflexões sobre uma educação para o pensar*. São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1996. p. 15-19.
- SOUZA, N. A. *A criança como pessoa: na visão de Tomás de Aquino e de Matthew Lipman*. Florianópolis: Sophos, 2001.
- WONSOVICZ, S. *Filosofia? sim, e para todos*. Florianópolis: Sophos, 2005.
- _____. *Crianças, adolescentes e jovens filosofam*. Florianópolis: Sophos, 2005.
- _____. *Programa educar para o pensar: filosofia com crianças, adolescentes e jovens*. Florianópolis: Sophos, 2005.